

A CIDADE, O SUBÚRBIO E O RESTO. A TERRA

por

Alexandre Alves Costa*

Sempre me pareceu difícil falar sobre a cidade no sentido do projecto transformador, uma vez que toda a intervenção urbana de reforma, como o próprio nome indica, nunca entra em ruptura estrutural com o sistema que a gera como representação da dominação, quer dizer da imperfeição social, nem sequer o investimento, tão aliciante se torna construir o véu que o esconde por detrás do verniz da sedução com que o ajudamos a impôr-se e a reproduzir-se.

Questões que poderia e talvez devesse colocar perante todas as acções de projecto. Não o faço com álibis fáceis, mas não consigo evitar que a visão estratégica se torne impositiva quando trato do problema urbano, acarretando-me até, por vezes, a tentação das visões totalitárias. Este esquerdismo agudiza-se frente ao entusiasmo dos meus “compagnons de route” enredados nas táticas da intervenção possível, do compromisso, do discurso tecnocrático/humanístico.

Isto dito em modo autocrítico, porque não me sinto intocado pela crise das ideologias. A ausência de debate sério leva-me com frequência, no desespero da solidão, seja para a História seja para a Poesia, valorizando, nas leituras que faço, cada vez mais os valores poéticos daquela e menos os operativos que ainda não descobri com clareza a não ser os que vão garantindo a construção ou manutenção de identidades de sobrevivência.

E, sendo inviável a Ordem, de sobreaviso em relação à nostalgia e até ao nacionalismo, a consideração da Liberdade como valor supremo tem sido garante da justeza dos caminhos do pensamento. Sem Ordem e com Liberdade é a consciência da necessidade urgente de uma Ética que deverá marcar a diferença. Até que possa, com a mesma convicção de Trotsky e Breton, falar da nossa Moral e da dos outros.

Acusado de utópico ou poético venho, assim, recusando o pragmatismo nas leituras que vou fazendo das hipóteses transformadoras da contemporaneidade

* Prof. Catedrático da Fac. de Arquitectura da U.P.

com que, afinal, todos estão satisfeitos e insatisfeitos. O satisfeito puro encontra-se entre os novos barões do regime, executivos dinâmicos do liberalismo, sem passado nem futuro, vivendo o círculo intemporal do presente de que são os funcionários. Os outros, jovens ou velhos, vão, entre o desemprego e a memória, recuperando alguma insatisfação.

O insatisfeito é menos sujeito a ordenações etárias e, pondo de lado o insatisfeito militante das oposições político-partidárias, nele reside o sentido crítico, mais ou menos espontâneo, onde se aprende a esperança. Porque me encontro nesse grupo, tenho afastado o pragmatismo e o estrito racionalismo dos alinhados com o poder que nada tem feito a mais do que reutilizar sectorialmente os mesmos critérios globais que lançaram os alicerces da modernidade. O seu objectivo, reproduzindo ao infinito a satisfação pura, é, como noutra dia disse no Porto José Mattoso, dar forma ao que chamam demagógica e carinhosamente a aldeia global, conceito forjado para esconder o genocídio, o racismo, o chauvinismo, a fome, as diferenças sociais ou sexuais, ou as norte sul, a África ou a Ásia, a destruição do ambiente e o estado de sítio das cidades.

Explicadas as minhas dificuldades, lançarei apenas algumas pistas, seguramente académicas. Usarei, no meu texto, alguns segmentos de outros, apenas para dizer melhor o que quero, e não porque queira impor a sua autoridade. Por isso não os nomearei a par e passo. Reutilizo fragmentos de Italo Calvino em “As cidades invisíveis”, de Douglas Coupland em “Geração X” e de Carlos Morais em “Uma biblioteca para Gaia”.

A cidade foi a maior criação do Homem, do gregarismo espontâneo e defensivo à Cidade Ideal, ainda encerrada, mundo dentro do mundo. Depois a destruição das muralhas, grandes perspectivas barrocas infinitas e avassaladoras, desenho totalitário do mundo todo a partir do centro. Princípio do fim das cidades. Restava a convicção da possibilidade do desenho, ainda nas malhas regulares racionalistas e democráticas. Regulamentou-se a igualdade e, já sem limites, faltou agora o centro. O crescimento foi mais rápido do que as hesitações do desenho, a degradação cresceu e retratou impiedosamente os conflitos das classes, divididas em terreno aberto.

Le Corbusier declarou a sua aversão às leis da cidade e, sem dúvida, a todos os agrupamentos contextuais ao longo de muitas gerações. A arquitectura moderna começou realmente a destruir a cidade. A Unité é o heróico antagonista mítico, não só da cómoda vida da cidade, mas também da natureza. Sente-se a sua atracção e o seu carácter destrutivo, a impaciência e a violência.

O subúrbio cresceu ao mesmo tempo que iam falhando as novas-cidades, por serem cidades e as não-cidades por serem ainda meio-cidades. Brasília é uma ainda-cidade, apesar de ter sido concebida como subúrbio, tentando recuperar o

centro e o limite perdidos. Foi cercada pela espontaneidade do crescimento autenticamente suburbano. É esse crescimento que lhe confere, hoje, o verdadeiro carácter de ainda-cidade. O equívoco que representa é o paradigma da fragilidade conceptual do Moderno.

No tempo das cidades, objectos no terreno, podia dizer-se:

O homem que cavalga longamente por terrenos bravios sente o desejo de uma cidade. Caminha durante dias pelo meio de árvores e pedras. Raramente o olho se detém sobre alguma coisa. Árvores e pedras são só o que são. Finalmente a viagem conduz à cidade. Fora dela espraia-se a terra vazia até ao horizonte.

No tempo do campo, negativo ou oposto da cidade, podia um pastor dizer-me:

– Calha-me às vezes atravessar cidades, mas não consigo distingui-las. Pergunta-me o nome dos pastos: conheço-os todos. As cidades, para mim, não tem nome: são lugares sem folhas que separam um pasto de outro. Viajei, visitei cidades e continentes. Um dia, perdido por entre casas e prédios perguntei a um transeunte onde me encontrava. Era o pastor de outros tempos.

– Não pode ser, gritei. Não sei há quanto tempo entrei numa cidade e desde então continuei a penetrar cada vez mais pelas suas ruas. Como posso estar onde dizes se me encontrava noutra, afastadíssima desta?

– Os lugares misturaram-se. Esta cidade está em toda a parte. Aqui devia ter sido a Encosta Verde. As minhas cabras reconhecem as suas ervas no separador das faixas da rua.

Como será afinal o nosso século XXI?

Para vos falar do Porto teria de começar por descrever a entrada da cidade. Certamente imaginamos ver elevar-se da planície poeirenta um recinto de muralhas, aproximamo-nos passo a passo da porta vigiada pelos fiscais. Enquanto não entrámos, estamos fora dela.

Se acreditarem nisso, enganam-se: no Porto vai ser diferente. Avançamos horas e horas e não é claro se já estamos no centro ou ainda fora. De vez em quando nas bermas da estrada um adensar de construções de magras fachadas, altíssimas ou baixíssimas, parece indicar que a partir daí as malhas da cidade se irão apertar. Mas encontramos mais terrenos vazios, depois um aglomerado enferujado de oficinas e armazéns, um cemitério, uma feira com carrocéis, um mata-douro, uma rua de lojas macilentas.

Uns e outros dirão, vimos cá trabalhar todos os dias, voltamos cá para dormir. Mas a cidade, onde se vive? Assim prosseguimos, passando de uma periferia a outra. Perguntamos finalmente o caminho para sair da cidade. Voltamos a percorrer a enfiada de subúrbios disseminados. Cai a noite.

Se oculto em qualquer lugar desviado ou escondido existe um Porto reconhecível e recordável por quem lá tiver estado, ou se afinal o Porto é só a periferia de si próprio e tem o seu centro em toda a parte, isso já renunciámos a compreender.

A pergunta que nos começa a angustiar é outra: fora do Porto existe um fora? Ou por mais que nos afastemos da cidade, limitamo-nos a passar de um limbo a outro limbo e nunca mais conseguiremos sair?

A grande criação do nosso tempo, o que vivemos antes do século XXI, é o subúrbio. Tende a espalhar por todo o território o seu modelo uniforme. De início encosta-se ao que chamávamos cidade, de seguida avança sobre ela destruindo-a para se construir e noutra sentido segue as estruturas viárias da rentabilização que o mercado comanda. O subúrbio não tem sítio, auto-definiu-se quando o homem deixou de fazer cidades, na dúvida que lhe ficou quando o campo se deixou de definir como seu opositor. O subúrbio não tem inventores porque nunca foi aceite como não-cidade, outra-coisa que nunca se quis programar. E quando Le Corbusier desenhou a não-cidade, os seus intérpretes e seguidores usaram o seu projecto na cidade. Nem cidade nem coisa nova, fomos ficando sem cidade e nada criamos de novo. Assim nasceu o subúrbio, por geração espontânea, onde tem sido possível continuar a viver, integrando, até, algumas vantagens do progresso. Este novo habitat, desenhado pela especulação, não pode deixar de ser um dos modelos programáticos do futuro. A sua grande qualidade é a mestiçagem de gentes, ofícios e memórias que poderão fazer florescer uma nova cultura a que provisoriamente chamo de suburbana, se a liberdade der origem a uma ética que transforme a violência em solidariedade, que trabalhe a selva para que se possam semear as novas searas. Ali, não existe uma memória colectiva, vive-se na construção de consensos de circunstância. O que é possível é dar forma a esses consensos, formas provisórias de uma nova arquitectura desejavelmente efémera.

E não é devido forçar nenhum grupo de pessoas a terem recordações que na realidade não possuem, nem dizer-lhes que o único tempo em que valia a pena viver é o passado e que o único tempo que pode vir a interessar é o futuro.

Sim, mas que futuro? Eu insatisfeito não militante, sinto que devo deixar alguns sinais de esperança de que o Porto do século XXI não vai ser o limbo que imaginei antes.

Como arquitecto e sem ultrapassar os atavismos da minha educação neo-realista, deixo-vos três notas moralistas sobre três temas que penso desenvolver em próximas conferências académicas e em vários projectos utópicos ou de ficção científica: a cidade, o subúrbio e o resto.

1º - A cidade

A cidade deve ter uma área rigorosamente limitada e deve constituir um espaço encerrado sobre si próprio. Deverá ser cuidadosamente restaurada, preservando todos os indícios do seu percurso histórico enquanto cidade. Todos os elementos que provoquem rupturas na leitura tranquila do seu processo, quer dizer que rompem com a sua urbanidade, devem ser demolidos sem piedade. A cidade é um monumento habitado por gente que goste dela e de a contar. Lugar da memória, de enraizamento e autenticidade, a cidade deverá ser objecto de uma operação cultural e artística de elevado potencial sugestivo, estético e crítico. Universidade, investigação pura, pequeno comércio, cultura e lazer, a pouca produção industrial que reste, a administração local, a comemoração, a festa, o desfile, o turismo, a gastronomia regional, a hospitalidade.

Os transportes colectivos serão subterrâneos e serão desencorajados os transportes individuais mecânicos. As estações para transporte de pessoas para fora da cidade serão cuidadosamente escondidas, no sentido de reafirmar por todos os meios o carácter concentracionário do espaço urbano. Como foi possível em Brasília imaginar o centro como uma ostensiva estação de camionagem?

No dia em que os seus habitantes se sentirem atacados pelo cansaço e já ninguém suporte o seu ofício, os parentes, a casa e a rua, as dívidas, a gente que deve cumprimentar, decidem transferir-se para outra cidade, onde cada um tomará outro ofício, outra mulher, verá outra paisagem ao abrir a janela, passará a noite com outras melecências ou outras amizades. Assim a sua vida renova-se de mudança em mudança, entre cidades que se apresentam cada uma com qualquer diferença das outras. Este é o único pacto que existe entre as cidades, a troca. Serão de evitar a todo o custo outras associações do tipo “área metropolitana” para acabar com o risco da planificação que lhes venha a diminuir a identidade ou lhes ordene importâncias relativas. Não são admissíveis os PDMs, os PUs e até os PPs. Tudo se resolve no Gabinete de História da Cidade que produz PEs e PMs, respectivamente Planos de Embelezamento e Planos de Melhoramentos.

2º - O subúrbio

O subúrbio merecerá da nossa parte um carinho especial dado tratar-se da primeira manifestação construída da superação da cidade tradicional e documento insubstituível da contemporaneidade, monumento máximo do século XX.

As licenças para construção estão definitivamente suspensas, só se admitem projectos de demolição ou em casos muito especiais de restituição. Nas raras situações de suburbanização não concluída será ainda possível construir com critérios da máxima rentabilidade. O objectivo é clarificar as descontinuidade, a fragmentação, é dar aos arquitectos modernos a possibilidade de realizarem o que sempre desejaram: destruir a História e criar mais-valia.

Os transportes públicos e as estações suburbanas deverão dominar a paisagem. As vias não devem ser hierarquizadas, privilegiando-se as vias rápidas que cruzem o espaço em todas as direcções. As passagens subterrâneas e os viadutos ajudarão a resolver a circulação sempre que possível aumentando-lhe a complexidade. Os espaços vazios que existirem ou resultem de demolições deverão ficar cuidadosamente não pavimentados e muito menos arborizados. Os moradores receberão incentivos para abandonar o subúrbio, só podendo ser substituídos por não europeus. Serão elaborados pelas várias comissões de gestão autárquica planos sectoriais de valorização que melhorem as condições vivenciais para os suburbanos que desejem manter essa categoria e que definam com clareza as zonas especiais a serem demolidas. Todos os telhados serão substituídos por coberturas planas, não será permitido o uso de materiais naturais como a pedra ou a madeira ou as pinturas por caiação.

Aqui é o lugar da feira, dos vendedores ambulantes, dos restaurantes exóticos, dos concertos do Nick Cave, dos espectáculos experimentais e de vanguarda, da investigação aplicada, do ensino politécnico, do luna park, dos bares in, das sedes de associações de minorias étnicas ou sexuais que englobarão toda a população. Deverá manter-se a ideia popular de que os centros comerciais são só por dentro, não existem por fora. Fingindo-se assim que os volumes das grandes superfícies atirados sobre o terreno, de facto não existem. Pelas paredes estendem-se slogans do tipo “comprar é criar”, “parem a História”, “voa a jacto enquanto ainda podes”, “reinventem a classe média”, “menos é uma possibilidade”.

No subúrbio as pessoas que passam pelas ruas não se conhecem. Ao verem-se imaginam mil coisas uma das outras, os encontros que poderiam verificar-se entre elas, as conversas, as carícias. Mas ninguém saúda ninguém, os olhares cruzam-se por um segundo e depois afastam-se, procurando novos olhares, não param. Uma vibração de luxúria move continuamente o subúrbio, o mais casto dos lugares. Deverão ser lançadas campanhas para que os homens e mulheres comecem a viver os seus sonhos. Assim todos os fantasmas se tornarão pessoas com quem se poderá começar uma história de perseguição, mal entendidos, choques ou opressões e acabar de vez com o que reste de atávica fantasia.

3° - O resto

Os moradores do subúrbio são os habitantes do presente. Por vezes pensam no futuro e o que lhes lembra o futuro é a cidade próxima. Às vezes vão lá pensar e uma vez por outra um ou outro saem para o deserto, nome que chamam ao resto porque ainda não compreenderam.

Alguns destes tem feito depoimentos:

– *Vivemos as nossas vidas de periferia; estamos marginalizados e há muitas coisas em que preferimos não participar. Queríamos silêncio e agora temos si-*

lêncio. Chegámos aqui cobertos de feridas e chagas. O nosso sistema tinha deixado de funcionar, avariado pelo cheiro a máquinas de cópia, a papel de carta e pelo stress interminável de empregos sem objectivo em que se trabalha de má vontade e ninguém nos agradece. Sofríamos de condicionamentos que nos levavam a confundir ir às compras com criatividade, a tomar anti-depressivos e a pensar que alugar um vídeo nos sábados à noite é o bastante. Mas agora as coisas vão muito melhor.

– Ou as nossas vidas tem história, ou não há maneira de as levarmos a cabo.

– Concordo. Sabemos que foi por isso que deixámos para trás as vidas que levávamos e viemos para o deserto – para contar histórias e assim fazermos das nossas vidas romances dignos de serem contados.

A nova centurição do território, sem a Roma imperial, vai ter que ouvir ainda muitas histórias para se desenhar. Por vezes basta um breve trecho que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes no nevoeiro, o diálogo de dois transeuntes que se encontram no meio das suas deambulações, para pensar que dali juntaremos peça a peça, fragmentos misturados com o resto, instantes separados por intervalos.

Mesmo depois de entrevistar Artur Soria y Mata e Milyutin, é arriscado e exige uma atenção e uma aprendizagem contínuas: tentar e saber reconhecer, no meio do inferno, quem e o que não é inferno, e fazê-lo viver e dar-lhe lugar. É a isso que chamei esperança.

A Terra ou a cidade virtual

A intervenção planeadora em larga escala (a maior das quais seria a da própria Terra), feita com rigidez e minúcia, seria terrível. A complexidade da Terra, o emaranhado dos seus equilíbrios, uns subtis e imperceptíveis, outros tectónicos e colossais, aliados à insensatez crónica do homem, conduzem a afastar a hipótese dos sistemas de planeamento tradicionais para a intervenção em larga escala.

Um sistema de planeamento pressupõe um forte sistema racional de direcção. A Terra não é gerível como um todo pelo homem, mas, pelo contrário, evolui com equilíbrios e reequilíbrios que o transcendem como espécie isolada. A sua autorregulação é induzida pela sua conservação. Caso contrário será um objecto inerte pilotado pelo homem, nave espacial a caminho de outras distâncias.

Esta é a história que deve ser contada às primeiras crianças do resto, para que compreendam que devem libertar-se das imagens que até aqui anunciavam as coisas que procuravam.

Após o fracasso sucessivo de mega-projectos que requeriam elevados graus de centralização e homogeneização, isto é da redução da diversidade, apeteceria

um retorno romântico ao *small is beautiful*, conceito atractivo, inteligente e incompleto. A turbulência e mutação do meio, o crescimento e exigência da nossa capacidade inteligente de compreender o mundo, configuram-nos, no entanto, novos problemas que afectam o indivíduo e os pequenos grupos, exigem sinergias que possam mobilizar-se e desmobilizar-se no âmbito de grupos mais extensos, ou problemas mais vastos que exigem uma compreensão de tudo.

Se te disser que o resto é descontínuo no espaço e no tempo, ora mais disperso ora mais denso, não acredites que possamos deixar de o procurar. O que nos unirá homens de diversos lugares e desvairados feitios?

Provavelmente o século XXI será o de um planeta reticulado ou o da planificação do espaço virtual.

Talvez as auto-estradas electrónicas representem uma infra-estrutura tecnológica imprescindível para realizar a grande aspiração de ligar o que não pode nem deve ser objectivamente ligado.

Deixaremos, certamente, muitos terrenos virgens, reservas, terras de ninguém, alfobres indispensáveis de criação da diversidade. Será entre os sistemas e o caos que a humanidade terá que engendrar a equação indispensável para o entendimento do terceiro milénio.

Porto, 1994.